

Os esquemas tradicionais para a divisão da literatura em drama, poesia e literatura épica nunca eram aplicáveis estritamente. Atualmente esses esquemas deveriam ser abandonados, e com eles também as tentativas de uma classificação mais ampla da literatura em beletrística, científica, filosófica, etc. As obras mais importantes da atualidade provam que todas essas gavetas estouraram. "A Procura do tempo perdido" de Proust, por exemplo, situa-se entre um romance e uma pesquisa psicológica e existencial, "Ulysses" de Joyce entre um romance, uma poesia lírica, um tratado de psicologia de profundidade, e uma pesquisa de psicologia social, "Dr. Faustus" de Mann é um romance que contém um tratado completo de musicologia, uma estética explícita, dois tratados de teologia explícitos e é, todo ele, uma exposição implícita de teologia, as poesias de Eliot são pesquisas epistemológicas e ontológicas, os "Cantos" de Pound contêm, entre outras coisas, uma filosofia da cultura e da história, os trabalhos de Kafka não se enquadram em nenhuma repartição concebível. Também o "Mito de Sísifo" de Camus recusa-se a uma classificação e exige que seja sorvido e absorvido pelo leitor tal qual foi escrito: como erupção inteiramente honesta de um espírito imerso na tradição filosófica, artística e científica da atualidade.

Se queremos seguir Camus, precisamos supor, com ele, que existe somente um problema real: Porque não me mato? A honestidade intelectual e moral me força a reconhecer que tudo carece de significado, é absurdo e se precipita em direção de uma morte absurda e sem significado. Todas as tentativas individuais e coletivas da humanidade, teóricas e práticas, de negar, esconder, esquecer ou adiar essa verdade básica são outras tantas desonestidades. Nessa categoria se inclui, evidentemente, toda a majestosa tradição cultural e civilizatória da humanidade. Repito, portanto: Porque não livrar-se de toda essa absurdidade, matando-se a si mesmo? Porque viver quand-meme?

O conceito da absurdidade é, em seguida, iluminado de vários ângulos, e aproximado ao nosso sentimento (nojo) e nossa razão (impossibilidade da clareza e distinção), e o homem honesto é definido como absurdo. A situação do homem absurdo é a do suicida no ato do pulo, e o suicídio é o salto a partir do absurdo para o nada, portanto para o transcendente. O suicídio é, portanto, uma espécie de metafísica, um truque teológico, uma tentativa desonesta de escapar ao absurdo. O suicídio deve ser, portanto, repellido, como toda outra espécie de metafísica. É preciso portanto continuar vivendo com o nojo, de dia para dia, de momento para momento, viver o mais possível, já que não se pode viver o melhor possível. Somente assim, devorando quantidade em vez de qualidade, somente como Don Juan, ator ou conquistador é o homem honesto.

A melhor maneira de abordar esse mundo camusiano é com simpatia. Ele nos chama com a voz da revolta contra uma realidade que se fecha diante de nosso sentimento e nossa razão, uma realidade absurda, chama-nos portanto com a voz da angústia da morte e do desejo da morte. É um mundo heroico de uma luta perdida sem esperança já antes de ter começado, é perdida sempre de novo a cada instante. É o mundo da razão e do sentimento pervertido contra si mesmo (cor inversum). É o mundo da humanidade do século vinte, uma humanidade que se afastou tão extremamente da fé numa realidade transcendental que está pronta a se precipitar no abismo físico do suicídio coletivo, ou no abismo metafísico de uma nova fé em Deus. A situação da humanidade atual é, portanto, honestamente absurda. Talvez foi por terem reconhecido essa circunstância que os senhores solenes em Estocolmo concederam a Camus o Prêmio Nobel?

Devemos nós ceder a essa ética horrível e viver quand-meme? Ou devemos cometer a desonestidade e pular da janela? Ou a desonestidade e pular para dentro da fé? Afinal das contas, o que é essa "honestidade", e de onde vem senão do além da metafísica desonesta? Com esta pergunta, assim me quer parecer, podemos abandonar o mundo camusiano.